



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

PRESIDENTE: ELISEU GABRIEL

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 07/07/2020

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Qualidade de som incompatível com a transcrição
- Intervenção simultânea ininteligível/inaudível

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Nós estamos iniciando a nossa audiência pública, convocada pela Comissão de Educação, Cultura e Esportes, da Câmara Municipal de São Paulo.

Esta audiência pública tratará, basicamente, do retorno às aulas - uma interrogação. Também faremos uma discussão sobre o *e-cloud*.

Nós temos a grande honra de receber o Dr. Gonzalo Vecina, uma pessoa incrível, que conhece muito o assunto. É médico sanitário, teve muitos cargos importantes pela sua trajetória profissional.

Percebi que algumas pessoas começam a fazer perguntas. Quero saber se algum Vereador quer fazer alguma pergunta. Caso não haja, passarei a palavra para a Sra. Margarida Prado que será a primeira a fazer pergunta, de um minuto, no máximo.

O Dr. Vecina poderia primeiro ouvir as perguntas todas. O que o senhor acha?

O SR. GONZALO VECINA NETO - Boa tarde a todos. Estou anotando. Eu acho que a condução dos senhores está ótima. Vou anotar as perguntas para respondê-las de maneira mais adequada possível.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Ok. Tem a palavra inicialmente a Sra. Margarida Prado, depois o Professor Luiz Carlos Ghilardi e a Sra. Claudete Alves. Quem é do Sindicato?

- Falha técnica na transmissão do áudio. Transcrição prejudicada.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Por favor, Margarida, um minuto.

A SRA. MARGARIDA PRADO – Dr. Vecina, a gente teria milhões de perguntas a respeito dessa temática, mas vou me ater a uma apenas. É seguro retomar as aulas neste momento em que a Cidade está no pico da pandemia em que nós não temos vacina? Por mais que tenhamos protocolos, crianças são sempre muito difíceis de serem enquadradas e de cumprir um protocolo. Há crianças desde bebês até jovens, adultos também. A minha pergunta é se há segurança retomarmos as atividades presenciais na rede municipal de modo geral?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Professor Luiz, depois a Claudete.

O SR. LUIZ CARLOS GHILARDI – Boa tarde, sou Luiz, do Sindicato dos Gestores, gostaria que o senhor falasse um pouco da saúde mental das pessoas. Nas nossas reuniões percebe-se que elas estão visivelmente abaladas e prejudicadas. Como deverá ser o cuidado com essa pessoa como um todo? A princípio, queria que o senhor falasse da saúde mental das pessoas, neste momento da pandemia, amarrando com a pergunta da Margarida, sobre a volta às aulas, que é o principal assunto nosso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Claudete tem a palavra, por um minuto. Por favor.

A SRA. CLAUDETE ALVES – Dr. Vecina, prazer reencontrá-lo. Nesta pandemia, talvez o único garantidor de vidas foi o SUS, mesmo com todas as fragilidades apresentadas pela falta de investimento. O SUS nos mostrou um caminho que, no pós-anormal, a sociedade brasileira e os governantes terão de pensar num tripé: um sistema único da educação e um sistema único da assistência social, para darem conta de garantir a vida.

Com esse pressuposto, eu pergunto se já é preocupante? A meu ver, o ano letivo teria de ser suspenso para todos os níveis, todas as redes. Como voltar às aulas de educação infantil sem colocar as turmas de bebês, crianças e profissionais na cidade de São Paulo em risco? São quase 600 mil numa vulnerabilidade fora de controle.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Professor Maciel, do Sindsep.

O SR. SÉRGIO RICARDO ANTIQUEIRA – É o Sérgio que vai falar, pelo Sindsep. Boa tarde.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tudo bem.

O SR. SÉRGIO RICARDO ANTIQUEIRA – Obrigado. Boa tarde a todas e todos, Dr. Vecina, boa tarde. Eu gostaria de fazer uma pergunta com preocupação na linha do que a Margarida trouxe.

Acabei de sair de uma mesa técnica da Secretaria da Saúde, onde ficou muito claro que não há nenhuma orientação para flexibilização. Segundo os dados que eles têm, há algumas semanas o índice das ocorrências se mantém num platô, ou seja, está num nível alto de mortes e novos casos, por dia.

Isso está muito relacionado ao fato de que, ao longo do mês de abril e para frente, não houve queda no isolamento social, segundo os dados da Secretaria do Estado. São Paulo está acima da média no Estado em termos de isolamento. Com a abertura, a ideia da população será que está tudo tranquilo, portanto, nós teremos aumento nas mortes.

Um dado importante é que a Prefeitura de São Paulo teve um aumento nos óbitos de servidores em 55%, até metade de maio; na Saúde, atingiu 200%; na educação foi de 4%. O que preservou os professores foi justamente o afastamento, ficando em casa neste período, realizando o teletrabalho.

A pergunta é: será que a gente pode abrir?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Ok. Há mais inscritos? Há alguma entidade, sindicato, que queira fazer uma pergunta oficialmente? Se não tiver, vou fazer mais três perguntas de pessoas que foram inscritas.

O Sr. Ricardo Lovaglio Bezerra está presente? (Pausa) Maria de Fátima Bicalho.

O SR. RICARDO LOVAGLIO BEZERRA - Boa tarde, Ricardo presente.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tem um minuto para fazer sua pergunta.

O SR. RICARDO LOVAGLIO BEZERRA - Boa tarde a todos, ao Vereador Eliseu. Saindo um pouco do tema, mas como a Comissão é Esporte também, eu gostaria de saber sobre os CDCs, os Clubes da Comunidade. Quero falar que é preciso fazer um protocolo de reabertura desses clubes, porque muitos dependem deles mesmos, não estão com condições de pagar as suas contas, como as de água e luz que estão vindo.

Solicito à Comissão que chame o Secretário de Esportes Municipal para poder fazer um protocolo de reabertura dos Clubes da Comunidade, o que têm Administração Indireta.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Obrigado, Ricardo.

Peço ao Dr. Gonzalo Vecina para responder às primeiras questões, depois voltaremos. Por favor, Dr. Gonzalo.

A SRA. CLAUDETE ALVES - Vereador Eliseu, uma questão de ordem.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Pois não.

A SRA. CLAUDETE ALVES - Não seria melhor o Dr. Gonzalo fazer uma explanação primeiro para nós. Meu medo é ficar no bate e volta. Como há muitas pessoas acompanhando, acho que seria importante, porque ele pode dar um diagnóstico do seu ponto de vista. Depois ele responde às perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Dr. Gonzalo, a sugestão da Claudete é boa, o senhor poderia fazer uma explanação inicial? Em seguida, o senhor responde às perguntas que foram feitas.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPPLY - Vereador Eliseu Gabriel, quero dizer que estou acompanhando a exposição. Boa tarde Dr. Gonzalo Vecina.

O SR. JAIR TATTO – Jair Tatto também presente, Presidente Eliseu.

O SR. GONZALO VECINA NETO - Boa tarde a todos os senhores e senhoras. É uma honra estar aqui dialogando com vocês. Acho muito difícil a minha tarefa, mas a tarefa dos senhores é muito mais difícil ainda, que é tomar decisões neste momento tão delicado da epidemia.

Vou ser o mais rápido possível.

Essa doença nos pegou de uma forma muito rápida. É uma doença surpreendente para nós, médicos, por causa da sua velocidade de disseminação, e não sei se podemos dizer que ela é tão grave, porque ela mata 1% das pessoas que ela infecciona. Existem doenças muito mais terríveis. O problema é que ela é muito expansiva. Então, como ela é muito expansiva, 1% fica imenso.

A gripe espanhola, que foi um desastre que aconteceu no início do século passado, quando o Brasil tinha 29 milhões de habitantes, matou 35 mil brasileiros. Se ela ocorresse hoje, com 210 milhões de brasileiros, mataria 520 mil brasileiros. Então, mantidas as mesmas condições, no período em que a gripe espanhola agiu no Brasil, que foi um período entre 1918 e 1919, quase um ano, ela matou, lá, 35 mil. Hoje, seriam 520 mil pessoas, em pouco menos de um ano.

Nós, por esses dias, com quatro meses, fechamos em 60 mil mortos. É uma coisa inaceitável pela sociedade. São pessoas que morreram dessa doença. Nós sabemos que o destino nosso é morrer. O nosso Presidente nos lembra disso sempre, mas, neste caso, nós poderíamos ter evitado que o número fosse tão elevado. É inaceitável ter 520 mil mortos. Nós não podemos aceitar

isso.

De que forma uma epidemia acaba? Epidemia acaba em três condições. A primeira condição é quando acabam as pessoas que podem ter a doença, os chamados “suscetíveis”. Então, todo mundo tem a doença e, aí, ou todo mundo morre, ou fica imune. Esta é uma forma de acabar a doença. Essa forma de acabar com a doença também é chamada de “imunidade de rebanho” ou “imunidade coletiva”. Nós podemos chegar à imunidade coletiva – ou imunidade de rebanho – quando um monte de pessoas da população, a maior parte... Acreditamos que, com 70% da população tendo a doença, o vírus não consegue encontrar os outros 30% que não tiveram a doença. Então, nesse momento, a epidemia acaba até você aumentar o número dos suscetíveis novamente – ou seja, pessoas que nascem e pessoas que entram naquela população. É possível isso acontecer.

O grande problema deste modelo, de acabar com a doença e um monte de gente ter a doença, é que 1% das pessoas que vão ter a doença – 1%, na melhor das hipóteses – vai morrer. Aí, os números são muito grandes. Não dá, porque nós estamos falando de 70% de 210 milhões de brasileiros. Estamos falando de 150 milhões terem a doença e 1% de 150 milhões é muita gente para morrer. Então, não é aceitável. Está certo?

A segunda forma de acabar com a doença é isolamento social, como fizeram, por exemplo, alguns países. Aconteceu em Wuhan, na China, e na Nova Zelândia. A Nova Zelândia é um país que é uma ilha. É uma ilha grande, mas é uma ilha, com quatro milhões e meio de habitantes. Eles fecharam o país durante 20 dias. Essa epidemia tem um ciclo de 14 dias entre você se contaminar e morrer – ou se curar. São, mais ou menos, 14 ou 15 dias. Então, se fechar durante 20 dias, você tem uma chance de romper com as cadeias de transmissão. O que a Nova Zelândia fez foi esse movimento e, neste momento, ela está policiando todas as entradas no país. Quer dizer, você não pode entrar na Nova Zelândia, sem ficar em quarentena durante 14 dias, antes de entrar em contato com os habitantes locais. Eu não vejo como possível fazer uma coisa dessas em um país deste tamanho, com tantas fronteiras, como é o caso do Brasil.

A outra hipótese é a vacina. Eu estou muito otimista com essa questão da vacina, porque hoje nós temos 200 vacinas sendo desenvolvidas no mundo e há umas 10 iniciando seus estudos

clínicos. Pelo menos duas estão iniciando as fases finais dos estudos clínicos e essas duas estão no Brasil. Uma delas é a do Instituto Butantan, uma vacina chinesa, bastante provável e que já deu certo.

O teste da vacina tem a fase pré-clínica e as fases 1, 2 e 3. A fase 1 é saber se a vacina é segura. Você dá para 50 pessoas e vê se ninguém sofre nada. A fase 2 é dar para mais ou menos cem ou 200 pessoas e ver se produz efeito. Há as duas vacinas, a do Butantan e a que está sendo testada pelo pessoal do Rio de Janeiro – e em São Paulo, também, pela Unifesp –, que é a vacina da Universidade de Oxford, com a empresa AstraZeneca. Está sendo testada pela Fundação Oswaldo Cruz e os testes clínicos são aqui, na Unifesp, com profissionais de Saúde. A segunda vacina é uma vacina de vetor viral. A primeira vacina é vírus atenuado, mas as duas vacinas passaram nos testes de fase 1 e fase 2, produzindo imunização. Agora, vão à fase 3. Na fase 3, nove ou 10 mil pessoas vão receber a vacina durante quatro meses e vamos ver se ela produz o efeito esperado e não produz efeitos indesejáveis, efeitos colaterais.

Lembro a vocês que recentemente nós tivemos uma multinacional, a Sanofi, que fez uma vacina contra a dengue, contra os quatro tipos de vírus da dengue. A vacina passou na fase 3, foi registrada e começou a comercialização, que chamamos de “fase 4”. Foi retirada do mercado quando estava em comercialização. Esse é um problema dos estudos clínicos. Quando você aumenta muito a amostra, você começa a ver efeitos e eventos que você não vê em números menores. A Sanofi gastou bilhões de dólares para fazer a vacina e a retirou em fase 4.

Então, são muito promissoras as duas vacinas que estão iniciando a fase 3 no Brasil, mas tudo pode acontecer. Esperamos que não, até porque, no caso da vacina da dengue, eram quatro sorotipos. Esta é de um sorotipo só, de um vírus um pouco mais simples do que o vírus da dengue. Então, eu estou muito otimista com a possibilidade de, até o fim do ano, termos uma vacina e tanto a Fiocruz quanto a Fundação Butantan estão realizando investimentos de risco para, embora estejamos ainda em fase de testes, já desenvolver capacidade fabril e produção de lotes iniciais, de tal forma que, aprovada a vacina, nós a tenhamos para aplicar na nossa população. Vamos ter de fazer um escalonamento. Primeiramente, serão os núcleos de risco, porque são muitos milhões de vacinas que nós temos de produzir.

Então, basicamente, é essa a ideia, que eu falo, da epidemia. Em que fase da epidemia nós estamos? Nós estamos terminando o que seria chamado de “primeira onda”. Quer dizer, no Município de São Paulo, nós tivemos uma ascensão importante e, neste momento, estamos com uma diminuição da velocidade de crescimento. Estamos nos aproximando do platô, que é a fase de estabilização. Aí, pode ser que comecemos o descenso. O descenso é a diminuição de casos, usando a média aritmética móvel, por pelo menos duas semanas consecutivas. A ideia é que sejam 14 dias consecutivos, para a redução do número de casos. Aí, você reduz a probabilidade de ter mais mortes.

O que acontece quando flexibilizamos neste momento? As pessoas saem, se encontram e se contaminam. As pessoas saem, se encontram e se contaminam, e portanto temos novos casos e novas mortes. O que é importante fazer neste momento? Testar todo mundo. Qual o tipo de teste que nós temos que realizar? Um teste chamado de RT-PCR, também chamado de teste molecular, é o teste que identifica a presença de vírus na orofaringe das pessoas. É o único teste que faz diagnóstico dessa doença. Passa o cotonete no nariz e na boca, coloca no tubinho, manda o tubinho para o laboratório, e em 24 horas tem o resultado. Se for positivo, o teste é positivo a partir do terceiro dia da infecção. Então, infectou hoje, daqui a dois dias tem uma quantidade suficiente de vírus para ser reconhecido, senão dá falso negativo. Tem vírus, mas numa quantidade pequena. A partir do terceiro, quarto dia, já tem uma quantidade suficiente de vírus para ser identificado e ele fica positivo, na média, até o 14º, 15º dia, com vírus. A partir daí, a população de vírus cai, porque o organismo ou perdeu a guerra e a pessoa morre ou o organismo ganhou e a pessoa desenvolve os anticorpos, ou seja, a sua defesa natural contra o vírus. Existem pessoas que continuam mais tempo com o vírus na orofaringe, mas aí são exceções. O grosso das pessoas ganha a batalha e o vírus deixa de estar presente na orofaringe por volta do 12º, 14º dia.

Toda pessoa que tem sintoma, o que é o sintoma? Febre, corrimento nasal, tosse, falta de sentir cheiros ou sabores, dor no corpo, sintomas de uma gripe. Uma parte das pessoas que tem essa doença, estimamos 40%, não tem sintomas. São pessoas que vão ter a doença de forma assintomática, porém, apesar das confusões da Organização Mundial da Saúde, essas pessoas transmitem a doença igual às outras pessoas. Aí tem 40% que são infectadas e desenvolvem uma gripe mais ou menos, que

dá para tratar em casa; 15% tem que internar para fazer oxigenoterapia; e 5% vai para a UTI. Dessas que vão para a UTI, 85% acabam entubadas por falta de capacidade de ventilar o seu próprio pulmão.

Como é que fazemos agora? Todo mundo que tem sintomas, testa, RT-PCR. Deu positivo, você pega cinco contactantes dessa pessoa infectada. E desses cinco, provavelmente, mais dois estarão infectados. Todos os infectados têm que ser isolados, essa é uma coisa que tem que ser passada para a população, por quê? Porque essa pessoa infectada é transmissora. Cada um vai transmitir para, pelo menos, mais duas pessoas; dependendo, se morar com um monte de gente, para mais pessoas. Então todos os infectados têm que ser isolados. Esse é um problema da periferia da cidade de São Paulo, onde as pessoas moram em habitações coletivas, com muitas pessoas. Em alguns lugares da Cidade, essas pessoas têm como ser isoladas, só que as pessoas precisam aceitar ser isoladas, sair do convívio familiar e receber um abrigo, é o Estado que deve oferecer cama, comida e ócio, assistir televisão, uma bobagem dessas, mas tem que ser isolado.

Então testa o sintomático, testa mais cinco, vai encontrar mais dois, testa mais cinco. Essa é a regra de isolamento para diminuir a transmissibilidade e fazer cair a curva. Não tem outro jeito. Qual é o nosso problema hoje? Não estamos testando o número suficiente. O Município de São Paulo conseguiu deslanchar nas últimas semanas e está de parabéns, mas tem que manter essa velocidade. O Município de São Paulo está com quase 450 mil testes realizados. Para ter uma ideia, países como Singapura, Coréia, testaram mais de 10% da população, ou seja, para o Município de São Paulo chegar a esse ponto, teria de testar o dobro do que já testou. Nós demoramos por falta de testes, por incompetência nossa. Agora, no Município, pelo menos, a situação está mudando; no Estado não está; e no Brasil, um desastre - estamos muito distante disso. Bom, em números gerais, o que eu tinha a falar para senhores é isso.

Vou começar a responder às perguntas e continuo falando sobre a epidemia. A pergunta da Margarida é a mais difícil que existe, aliás, a maioria dos senhores, também, fizeram perguntas mais ou menos nessa mesma linha: é seguro retornar às aulas neste momento? As crianças sofrem muito pouco com essa pandemia. Nós praticamente não temos registro de mortes de crianças no mundo. Essa epidemia mata duas pessoas a cada mil de zero a 40 anos; de zero a 40 anos, duas pessoas em mil,

porém acima de 80 anos, mata 15 pessoas em cem; 50% das mortes na Europa foram de idosos, grande parte em asilos. As crianças saem de casa e vão para escola. Em todas as casas têm alguém com algum tipo de doença. Elas vão na escola e trocam o material biológico entre elas e voltam para casa trazendo o material biológico trocado. E as pessoas ficam doentes em casa.

Neste momento se qualquer um dos senhores for a um pronto-socorro pediátrico, vai encontrá-lo vazio. Os prontos-socorros pediátricos estão funcionando com 10 a 15% da sua capacidade, porque o isolamento social deu certo, porque as crianças estão em casa. Na hora em que as crianças voltarem às aulas, vão naturalmente ser disseminadoras de material biológico em geral; vírus, bactéria, que é o comum da vida.

Então, com certeza, a partir do momento que nós retomarmos as aulas, vamos ter uma explosão de casos de covid e de todas as outras doenças típicas de inverno, porque nós não temos circulando só a covid. Temos os outros vírus responsáveis por síndromes respiratórias agudas graves com uma mortalidade menor do que a da covid, e nós temos bactérias. Usualmente, também existem aí e esse é o movimento normal que acontece, principalmente, no inverno. São doenças de veiculação aérea, como a covid, que por causa do frio, nós mantemos as áreas fechadas, o ônibus fica fechado, a perua de transporte das crianças fica fechada, as escolas fechadas, as nossas residências fechadas por causa do frio. Vivemos em um país tropical que é acostumado com calor e tem ventilação abundante, só que no frio faz frio e aí o que nós fazemos? Tiramos a ventilação. E com isso os aerossóis ficam mais tempo em suspensão e a transmissibilidade de doenças é maior se elas forem de transmissão aérea, como é o caso da covid, que se transmite por vir aérea e também por contato, nas gotículas que caem em cima da superfície onde nós colocamos a nossa mão e depois a levamos ao nariz, olho e garganta.

Então, quanto à pergunta da Margarida e da Claudete - desculpe-me não estar tratando de Sr. Vereador, Sra. Vereadora -, eis a minha resposta para essas perguntas: como profissional de saúde, eu não abriria as escolas, eu não correria o risco de abrir as escolas. Não por causa das crianças, mas por causa dos familiares das crianças. As crianças não sofrerão com essa epidemia, porque não tem sofrido. Agora, as pessoas nas casas onde essas crianças moram serão contaminadas. A alternativa

seria ter uma solução de isolar os idosos e os portadores de comorbidades. Logicamente, entre as crianças existe algum grupo de risco como, por exemplo, as crianças que são portadoras de doenças crônicas. Existem muitas crianças que têm doenças crônicas. Essas fazem parte do grupo de risco, essas morrerão mais. Essas, quando retomarmos as aulas, não deverão ir para a escola. Também se retomarmos as aulas, professores acima de 60 anos ou diabéticos ou hipertensos não poderão frequentar as aulas. Então, minha sensação como profissional de saúde é que não deve haver a abertura das escolas. Porém, se essa for a decisão, temos que tomar esses cuidados.

O professor Luiz, do Sindicato dos Gestores, fala da questão da saúde mental. Estou totalmente de acordo com o professor Luiz, temos um problema grave de saúde mental. As pessoas não estão mais aguentando ficar quarentenadas. Agora, essa é uma questão que temos que discutir com a sociedade, temos que levar essa discussão para a sociedade. Sair significa correr o risco de pegar a doença. Essa doença se alimenta de contatos. O Estado tem que fazer a sua parte aumentando muito a sua capacidade de testagem e isolando os que são testados positivo. Temos tido experiência com pessoas testadas positivo que ficam andando na rua, transmitindo o vírus para outras pessoas de maneira absolutamente irresponsável. Numa grande cidade como São Paulo, nem percebemos isso, mas estou trabalhando também com algumas cidades do interior onde todo mundo se conhece, o sujeito sai à rua e todo mundo sabe que ele está com o vírus. O juiz da cidade está colocando a pessoa com tornozeleira para que ele não saia de casa e não contamine os seus concidadãos.

Por esses dias, dei uma entrevista para uma emissora que foi visitar algumas dessas escolas. Em Paraisópolis, a comunidade, junto com uma ONG e com o Hospital Albert Einstein, preparou uma escola para receber pacientes isolados. O isolamento está vazio, não porque falta gente contaminada, infeccionada, mas porque as pessoas não aceitam ficar isoladas. Num desses centros de isolamento havia uma técnica de enfermagem que pegou a doença, com a consciência de que se ela fosse para casa iria transmitir a seus familiares. Ela aceitou passar 14 dias quarentenada num ambiente que é ruim, que não é como a nossa casa, onde há privacidade; porém, tem comida, calor, televisão, alguns jogos. Nós teríamos que aumentar o número desse tipo de alternativa para conseguir isolar as pessoas que estão com a infecção e que podem ser, portando, transmissoras.

Ainda em relação à saúde mental, há as pessoas que têm medo de morrer. Na área da saúde, inclusive, estamos desenvolvendo muitas atividades para oferecer terapia gratuita para esses trabalhadores da saúde – por telefone, via teleassistência – para conseguir diminuir o estresse desses profissionais de saúde.

A questão do esporte, que o Sr. Ricardo coloca, é outro abacaxi. Os clubes são uma maneira de descompressão. Eu até acho que talvez nós tivéssemos que pensar um jeito de permitir pelo menos que as pessoas andem em parques da Cidade *etc.* Agora, lembro sempre: contato significa mais casos, e as pessoas estão indo para a rua de uma forma muito desabrida, sem cuidados. O uso de máscara é fundamental, assim com as medidas de higiene e o distanciamento de 2 metros entre as pessoas.

Só para dar oportunidade de mais pessoas falarem, Vereador Eliseu Gabriel, eu fico por aqui esperando ter esclarecido as dúvidas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Sim, sim. Acho que sua fala foi muito esclarecedora. Como estão presentes agora os Vereadores Suplicy, Tatto e Gilberto Nascimento, vou passar a eles a palavra para perguntas ao Dr. Vecina, por um minuto cada um.

O SR. TONINHO VESPOLI – Pela ordem, Presidente. Também quero fazer uma pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Então, começemos pelo Vereador Toninho Vespoli, e seguiremos a seguinte ordem de Vereadores: Suplicy, Jair Tatto e Gilberto Nascimento, por um minuto cada. Porque o Dr. Vecina só vai poder ficar até as 14 horas, e faltam 25 minutos.

O SR. ANTONIO DONATO – Também o Vereador Donato está presente, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Então, o Vereador Donato seguirá a ordem e fará pergunta também.

O SR. CLAUDINHO DE SOUZA – Presidente, também o Vereador Claudinho.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Também o Vereador Claudinho, na ordem. Vamos lá. Tem a palavra o Vereador Toninho Vespoli.

O SR. TONINHO VESPOLI – Parabenizo todos e o especialista Gonzalo pelas explicações, que foram bastante elucidativas. Gonzalo, podemos falar que já estamos em platô? Porque o Governo

vem falando que já chegamos ao platô, o que justificaria a reabertura das escolas. Você falou, mas eu gostaria de uma resposta mais direta: chegamos ao platô ou isso é ainda uma possibilidade?

Outra coisa. França, Itália e outros países que passaram por esse processo começaram a falar em reabertura de escolas depois de 60 dias. Isso é um padrão que vocês percebem que está dando certo ou essa questão de reabrir as escolas, mesmo chegando ao pico, é algo validado pela ciência? Porque o Governador e o Prefeito disseram que pretendiam se guiar pela ciência, mas agora estão se pautando por outras questões.

Outra coisa. Quando você disse que, havendo essa decisão, nós deveríamos ver quais os melhores protocolos a ser adotados. Mas pergunto: existe protocolo suficiente para ser usado nas escolas e para garantir a não contaminação? Porque sou professor da rede municipal de São Paulo, já dei aulas na rede estadual e sei que a interação entre as crianças é algo que não tem condição de ser evitada, ainda mais em uma rede onde faltam tantos servidores. Visitei no ano passado, numa caravana, mais de 300 unidades escolares, e há uma grita geral, não há servidor público, está faltando servidor público! Como se implantará protocolo se não há servidores para implementar esse protocolo? Então, quero entender que protocolo é esse de que a ciência fala, porque não consigo enxergar isso. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Vereador Suplicy, por um minuto, por favor.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Obrigado, Presidente. Dr. Gonzalo Vecina, meus cumprimentos pela sua exposição tão relevante. Ainda hoje, uma pessoa me ligou de Indaiatuba para formular a seguinte pergunta, que eu não soube responder: em que medida essas diversas formas de desinfetar os ambientes – por exemplo, as próprias escolas *etc.* – seriam eficientes para prevenir e evitar o Coronavírus de se espalhar mais e mais? Essa é a minha indagação. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Obrigado, Vereador. Vereador Jair Tatto, por favor.

O SR. JAIR TATTO – Sr. Presidente, na fala final, reafirmo que não há protocolos. Há escola que tem mais de mil alunos. O ensino particular pressiona, dizendo que tem o sistema de túneis, que desinfeta, e na saída também há isso. Ou seja, a criança corre menos risco de morrer, mas o risco maior é a retransmissão, quando chega a casa. Essa só essa reafirmação.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tem a palavra o nobre Vereador Gilberto Nascimento.

O SR. GILBERTO NASCIMENTO – Cumprimento o doutor, todos que estão participando e os demais Vereadores. Estou com saudade dos Vereadores, para estarmos no plenário. Em breve, vamos voltar. A minha pergunta é a seguinte: No momento de uma reabertura, de uma possível reabertura, mesmo que de maneira escalonada, levando anos, levando dias ou, de repente, por horários, é possível se manter, porque o senhor falou em três formas. Há a questão da higiene e do distanciamento. O senhor acha possível mantermos esse distanciamento das crianças num ambiente escolar, onde eles são livres?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tem a palavra o nobre Vereador Claudinho de Souza.

O SR. CLAUDINHO DE SOUZA – Sr. Presidente, na realidade, não é pergunta. Uma das preocupações que eu tenho visto, nas conversas que eu tenho tido com profissionais da rede, atribuições seriam dadas aos profissionais da Educação, por conta dessa mudança de comportamento. Então, serão tirados funcionários que têm determinadas atividades já definidas e passarão a ter outras atividades, como entrega de materiais ou de máscaras. Eu acho que o Governo deveria se preocupar em ter profissionais ou da empresa fornecedora do que for ofertado, na escola, ou, de alguma forma, pensar na não exposição dos funcionários da rede pública em algumas novas atividades que advirão, por conta do retorno às aulas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Obrigado, nobre Vereador.

Tem a palavra o nobre Vereador Antonio Donato.

O SR. ANTONIO DONATO – Obrigado, Sr. Presidente. Parabenizo toda a comissão pela audiência pública.

Dr. Vecina, é um prazer reencontrá-lo, como também todos os sindicalistas. A exposição foi muito clara, mas eu queria colocar duas informações aqui, para enriquecer o debate. Primeiro, quando foi anunciado que, a partir de 1º de junho, seria iniciada a flexibilização, o patamar de mortes oficiais, na

cidade de São Paulo, semanais, era de 545. Por três semanas, ficou por volta desse número. Nessa semana, houve 626 mortes. Então, nós não estamos em queda, e mesmo com esse patamar, é possível que o número de casos cresça.

Quando falamos de mortes, estamos falando do passado, porque como temos poucos testes, não conseguimos quantificar. Então, essa é a primeira informação. O Dr. Vecina falou que São Paulo começou a testar mais. Eu quero só relatar um caso rápido. Ligou-me o Padre do Jardim Valquíria, no Capão Redondo, dizendo: “Minha funcionária está com Covid. O que eu faço?” Eu falei: “Mapeia todo mundo que esteve contato com ela e vão à UBS”. Foram lá e foi dito: “Você não tem sintoma. Volta para casa, que nós não temos testes”. Essa é a situação, essa é a situação. Então, nós discutimos uma situação num País que se chama Brasil e tem um Presidente que, nesta guerra, é aliado ao inimigo.

Então, do Estado, o Governador está sofrendo forte pressão econômica das escolas particulares. Então, é uma Cidade que não estabilizou seus casos e nem está em queda. Então, é uma loucura qualquer proposta de reabertura. Tínhamos que aproveitar esse semestre para poder reorganizar os espaços, requalificar os profissionais e depois discutir pedagogicamente como, a partir do ano que vem, sejam repostos os conteúdos, porque é criminoso abriremos as escolas neste momento.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Eu queria também só fazer uma pergunta bem curtinha, Vereador, Dr. Vecina.

O SR. GONZALO VECINA NETO – É uma honra, é uma honra.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Eu vi uma notícia sobre a transmissão do Covid pelo ar. Estaria havendo uma pressão para que a OMS aceitasse essa nova situação. O que o senhor acha disso? Dr. Gonzalo Vecina, o senhor podia responder essas perguntas e, se sobrar tempo, façamos outras perguntas para os inscritos.

O SR. GONZALO VECINA NETO – O Vereador Toninho pergunta se nós estamos no platô ou não. Nobre Vereador, na minha opinião, nós estamos chegando ao platô, mas, no platô, não

estamos. V.Exa. viu os dados que o Vereador Antonio Donato acrescentou agora. Houve um dia em que houve 626 casos nesta semana. Nós estávamos nos aproximando de uma redução do crescimento. A redução do crescimento é o início do platô, porém a forma como nós estamos abrindo, há uns dez dias estamos um pouco lassos, desde a abertura dos *shoppings*. Quanto a isso, é natural se cobrar um preço, e o preço está sendo cobrado agora. Quer dizer, a consequência da absoluta foi o aumento do número de casos.

Essa é uma questão que a França e a Inglaterra, como V.Exa. mencionou, o número mágico dessa pandemia é 14 dias. É um tempo em que pegam uma fornada de infectados e têm a doença. Se eu conseguisse todo mundo e ninguém saísse, com um *lock down* completo, durante 14 dias, a grande maioria das pessoas que estavam infectadas, estariam sem a doença. Aí há um grupo de pessoas que se infectaram em casa no terceiro ou quarto dia de isolamento e vão sair depois dos 14 dias. Então, eu teria que esticar um pouco mais, para permitir que todos os infectados tivessem a doença e não fossem mais contaminantes. Sessenta dias é só uma forma de dar uma proteção adicional, mas nós estamos falando em algo em torno de 14 a 20 dias, para se pegar um ciclo de contaminados, de infectados que estão transmitindo a doença.

Está dando certo na Europa? Veja, todos esses países já saíram e voltaram regionalmente. Então, a Alemanha tem vários casos assim, de estarem lá flexibilizando e, de repente, sobe o número de casos. Voltam assim a fazer o isolamento social. Vai ser assim até nós termos 70% das pessoas contaminadas, o que não sei se será fácil de atingir, ou a chegada da vacina. É abre e fecha; abre e fecha; abre e fecha. Não há saída. Temos que aprender isso.

Quanto à questão dos protocolos, é um colchão de proteção. Ele só funciona quando caímos em cima dele. O protocolo é importante fazer? É importante fazer. E agora ele é suficiente? Infelizmente ele não é suficiente. Ele não é 100%. Cem por cento é ficar em casa. O resto, tudo tem risco.

O Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy vai à frente nessa questão dos protocolos, quando fala da desinfecção. Já aproveito para falar da pergunta do Vereador Eliseu Gabriel. Essa doença é de veiculação aérea e de contato. Quando ela começou, as autoridades sanitárias estavam ainda

aprendendo com ela. Nós ficamos muito surpresos ao verificar que o vírus ficava muito tempo sem se desnaturar em superfícies. A maioria dos vírus que caem numa superfície, em 20, 30 minutos, ele se desseca. O vírus é uma capa de lipoproteína, gordura e proteína; é uma capa de lipoproteína que envolve um material genético, ou RNA ou DNA. O vírus não é considerado uma forma de vida, inclusive; o (ininteligível) dele produz doença, ele produz doença, ele entra dentro da célula e se multiplica dentro da célula e a destrói para sair de dentro dela. Essa é a doença que ele provoca, uma inflamação, porque ele usa a célula para produzir muitas cópias e para continuar a sua existência. Essa é a forma que o vírus tem de danificar o nosso corpo.

Esse vírus, diferentemente do vírus da AIDS e do sarampo, por exemplo, cai na superfície e fica um tempo grande lá. Ele não anda sozinho, está sempre agregado a uma gotícula de água ou a um pedacinho de gordura; ele está agregado a algo. Ele cai em uma superfície, a água seca e ele, em algum momento, vai dessecar, em duas, três horas. Acharam um vírus vivo depois de nove dias. Eu acho que é um exagero, mas nós temos que considerar que ele fica lá pelo menos meio dia. Uma superfície que foi contaminada por alguém que tossiu, espirrou, vai ter vírus viável por dez, doze horas. Portanto, sempre que nós pusermos as mãos numa superfície, devemos lavá-las com água e sabão — porque essa mistura retira do vírus; o sabão é saponificador e, como o vírus é lipoproteína, vai junto — ou com álcool gel a 70%, porque o que acontece é uma reação de osmose, e o álcool gel chupa a água de dentro do vírus, e ele se desseca. Então, é dessa forma que se destrói o vírus.

O túnel de desinfecção pode usar ozônio, que é um esterilizante, ou hipoclorito de sódio, que é cândida; não é bom usar cândida, porque as pessoas têm alergia a isso. O ozônio, tudo bem. Agora, o que ele faz? Ele desinfeta as superfícies. Onde é que as crianças levam contaminação e infecção? Dentro do corpo delas. Na roupa tem? Tem, mas elas estão levando na garganta o vírus, e não existe desinfecção que dê conta disso. Por isso, na minha opinião, essas barreiras de desinfecção são para inglês ver; eu não acredito nelas. Elas desinfetam? Sim. Mas elas são eficazes, ou seja, têm eficácia de cem por cento? Não, pois não existe como fazer isso com gente presente. Esterilização não existe mesmo. Agora, todo método de desinfecção tem um grau de ataque à pessoa e, aí, não tem jeito; e hoje é reconhecido que o vírus é de veiculação aérea também. Aliás, é mais importante a veiculação

aérea por causa dos aerossóis. Por isso, use a máscara; a máscara não protege a mim, protege o outro, porque, quando se tosse, a maioria das partículas para na máscara. Agora, a pessoa continua respirando, e o vírus tem quase 250 micras; só com o N95 que ela não respira.

O Vereador Jair Tatto comentou sobre as escolas e o sistema de túnel. Isso não existe. Eu não acredito nisso, infelizmente, porque não tem lógica científica. O risco de a criança levar alguma coisa está na orofaringe e não na roupa ou na pele; está no corpo, dentro dela, num lugar que não dá para ser alcançado por desinfecção ou esterilização.

O Vereador Gilberto Nascimento perguntou se é possível manter distanciamento escolar com criança. Lógico que não. Nós já vimos fotos de escolas na Coreia, em que as crianças vão com Face Shield para a escola e se sentam em carteiras com protetor na frente. Eles não falam, mas provavelmente a criança não pode sair, não tem recreio e não pode contatar outras crianças. Talvez na Coreia, como as crianças são educadas de uma forma um pouco mais dura, se elas forem suficientemente ameaçadas, elas não se levantam, mas não é o que vai acontecer aqui. Não porque as nossas crianças são piores ou melhores, mas porque são crianças. Eu não vejo saída para isso.

Como o Vereador Claudinho não fez pergunta, só deu uma notícia, eu não vou comentar.

O Vereador Donato falou da flexibilização. É lógico que nós estamos com um número de casos que, neste momento, sofreu um pico para cima por causa da abertura do comércio, dos shoppings e da forma como nós não estamos levando a sério essa questão do isolamento social. Flexibilizar significa permitir que as pessoas tenham um pouco mais de opções, mas não saírem todas. Nós estamos entendendo que flexibilizar é ter acabado a pandemia, e não acabou e não vai acabar. Nós estamos, quando muito, segundo o último teste que foi feito na cidade de São Paulo, com dados de que 10% da população teve a doença; ou seja, estamos muito longe da tal imunidade de rebanho. Portanto, há caminho para andar, e nós temos que tomar muito cuidado com ambientes fechados e com o uso necessário da máscara.

Podemos partir para mais uma sessão. Eu saio um pouco depois das 14h, se o senhor, e também as pessoas, assim desejar, Vereador Eliseu.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Eu acho que seria bacana, pois quanto mais o

senhor puder ficar... O Secretário da Educação combinou conosco que chegaria às 14h. Quanto mais o senhor puder ficar, vai ser muito bom.

O SR. GONZALO VECINA NETO – Eu o aguardo chegar. Vamos lá.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Que ótimo.

Há mais algumas perguntas nesta lista. Eu vou passar a palavra ao Vereador Celso Giannazi, que pediu a palavra. Por favor, Vereador, um minuto somente para a pergunta, e depois eu vou passar para a pergunta dos inscritos.

Vereador Celso, por favor.

O SR. CELSO GIANNAZI – Presidente Eliseu, obrigado pela oportunidade. Eu estou aqui participando de um evento, mas eu estou ouvindo o Dr. Vecina falando sobre essas questões tão importantes e sua visão, já que ele conhece muito, é uma autoridade sanitária. Portanto, Presidente Eliseu, parablenizo V.Exa. pela organização e o Dr. Vecina por estar aqui.

O meu questionamento, Dr. Vecina, é sobre o anúncio do Secretário Municipal de Educação de retorno às aulas talvez para o mês de setembro, e a educação pública da cidade de São Paulo é composta por salas com 35 alunos, superlotadas, sem profissionais da Educação, sem ATEs, sem professores, sem trabalhadores da limpeza, que foram cortados drasticamente. Há escolas com 1.200 a 1.600 crianças, doutor, com três trabalhadores da limpeza. V.Sa. acha possível nós pensarmos num cenário de volta às aulas com essas condições precárias em que nós vivemos na cidade de São Paulo?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – O.k., Vereador Celso. Obrigado.

O SR. CELSO GIANNAZI – Obrigado, Presidente Eliseu.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Agora eu vou passar para mais algumas perguntas, Dr. Vecina, para que o senhor responda em bloco.

O SR. GONZALO VECINA NETO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Há alguns que estão inscritos. A Sra. Maria de Fátima Bicalho está presente? (Pausa) Sra. Maria Gorete da Rocha Souza?

A SRA. MARIA GORETE DA ROCHA SOUZA – Sim.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tem a palavra.

- Manifestações simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Há várias pessoas inscritas. Esperem um pouquinho só, porque há uma multidão aqui.

- Manifestações simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Está inscrita também a Adriana Ferreira Dafre. Então, eu tenho impressão de que, desta lista, não deve haver ninguém, porque eu já falei vários nomes e nenhum respondeu.

A SRA. LEILA FERREIRA – Eu estou inscrita, mas eu estou aguardando chamar meu nome, número 11. Eu sou a Leila.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Leila. Está bem. Então, vamos ver quem está à sua frente. A Adriana e a Maria Emília Alves estão aí? (Pausa) Glauco Odilon Queiroz?

A SRA. MARIA EMÍLIA ALVES – Maria Emília sou eu. Eu estou presente. Desculpa.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Maria Emília, então, fale em um minuto, por favor, uma questão para o Dr. Vecina.

A SRA. MARIA EMÍLIA ALVES – Então, a minha preocupação é com a questão da higienização nas escolas, porque a gente teve uma mudança no contrato de limpeza e uma redução de funcionários. E aí você tem que pensar, vou pegar a educação infantil como exemplo, não é só educação infantil, mas na educação infantil a gente vai com 25, 30 crianças para o playground e aí esse parquinho precisa ser higienizado logo em seguida. Como é que isso vai ocorrer? Quais produtos têm de ser utilizados para que se garanta uma higienização que realmente venha a combater esse vírus? Então, a minha questão é relacionada com a limpeza nas escolas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - Tem a palavra o Sr. Glauco Dilon.

O SR. GLAUCO DILON - Minha pergunta também é sobre a questão da limpeza porque na apresentação que foi feita pelo Prefeito dizia que as escolas seriam limpas três vezes ao dia, em cada período, e justamente esse fato de não termos mais esses profissionais da limpeza.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - Rafael Miranda Rodrigues está presente? (Pausa). Jaqueline Oliveira dos Santos? (Pausa). Leila Ferreira, por favor, Leila eu sei que você está aí.

A SRA. JAQUELINE OLIVEIRA DOS SANTOS - Jaqueline também está, desculpa.

A SRA. LEILA FERREIRA - Tenho algumas perguntas.

A recomendação do Sr. Gonzalo é que se retornarem as aulas, que permaneçam em teletrabalho quem faz parte do grupo de risco.

O quadro de apoio continua trabalhando. Vai ter gente suficiente para atender a demanda das escolas? Os CEUs continuam trabalhando de segunda a segunda-feira, inclusive eu trabalho em um CEU. A gente continua indo.

Foram feitos alguns protocolos para a área privada, para mães que tem crianças em creche. O que será feito para os servidores se houver o retorno das aulas e não voltar com todas as crianças em creche, em CEI, o que será feito com essas mães, esses servidores para ficar com essas crianças? Eu tenho um filho de dois anos e eu continuo indo ao CEU, continuo trabalhando de segunda a segunda, mesmo o CEU fechado. O que será feito para gente ficar com essas crianças? Além do que foi reduzido o quadro de vigilância em todos os CEUs, a partir de hoje, e foi reduzido o quadro de limpeza. Então, a minha pergunta é: voltando as aulas, como será feito com os servidores que continuam trabalhando?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - A Jaqueline disse que está aí. Jaqueline.

A SRA. JAQUELINE OLIVEIRA DOS SANTOS - Eu gostaria de dizer que nós somos contra a volta as aulas sim. A nossa campanha é salvar vidas na educação, mas é salvar a vida de toda a população porque a gente não pode compactuar com esse tipo de atitude de colocar nossos alunos dentro da escola sem o mínimo de respaldo necessário, sem testagem, sem aparelho de UTI, sem os cuidados.

- Microfones abertos, falas sobrepostas. Transcrição prejudicada.

SRA. JAQUELINE OLIVEIRA DOS SANTOS - Nossos alunos vivem do contato, do vínculo, dos brinquedos, do compartilhamento. Então, não temos como apoiar o volta às aulas de um Governo que não conversou, não dialogou...

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - O Secretário deve chegar daqui a pouco e as perguntas também deverão ser feitas para ele.

A próxima é a Sra. Andrea Camargo Canal. (Pausa). Não está. Rafael da Silva.

O SR. RAFAEL DA SILVA - Boa tarde a todos.

A dúvida que tenho é havendo o retorno da escola, se houver algum caso confirmado na escola, como vai proceder? As aulas serão interrompidas? Vão conseguir mapear ou vai continuar trabalhando normalmente sem nenhum problema?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - Obrigado, Rafael. Fernanda Gadelha. (Pausa) Talita Maria de Matos. (Pausa) Neuza Batista de Souza. (Pausa) Marcilene Cavalheiro. (Pausa) Fabiana Saturado Carneiro. (Pausa) Sueli de Melo Araújo. (Pausa) Adriana Paganini. (Pausa) Elisete da Silva Costa Romeiro. (Pausa)

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - Tem a palavra a Sra. Sandra Maria Barbosa de Oliveira.

A SRA. SANDRA MARIA BARBOSA DE OLIVEIRA - Obrigada pela oportunidade de participar. A minha pergunta está sob a ótica do funcionalismo público. Como iremos proteger os funcionários da educação na Prefeitura de São Paulo?

Há vários anos eu participo como integrante da CIPA nas escolas que trabalhei. Constatei diversos EPIs sendo negados para professores por falta de conhecimento de gestores e por falta de investimento. E agora com esta pandemia como ficará a questão dos EPIs que antes já faltavam e, neste momento, como será conduzida essa questão? Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - Pergunto ao Dr. Vecina se já quer falar ou quer ouvir mais perguntas?

O SR. GONZALO VECINA NETO - Vamos responder. As perguntas estão começando a se repetir.

O Vereador Celso fala das salas grandes, profissionais de educação em falta, problema da limpeza. Já estive em uma discussão do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo também e o clima é esse.

As nossas escolas são escolas pobres. Temos muito boas escolas também, mas temos escolas com muitos alunos e pouco espaço e salas mal arrumadas. Então, falar em um protocolo, em

volta às aulas nessas condições é bastante irreal. Não vejo, nós não vamos ter muita condição de fazer isso.

Eu fico muito dividido nessa questão porque eu acho que nós estamos levando a notícia da perda de um ano letivo para um contingente de crianças que não mereciam isso nessa altura da vida. É um prejuízo imenso para os alunos da escola pública.

Na escola privada há mais acesso à internet, meios eletrônicos e talvez esse prejuízo seja muito menor. Agora, na escola pública o prejuízo é muito grande. Isso vai aumentar bastante a desigualdade na nossa sociedade.

Por outro lado, permitir a volta as aulas, como já disse, significaria um aumento imediato do número de casos e, como consequência do aumento do número de casos, o número de morte. E aí a escolha por evitar o número de morte é uma escolha natural.

Então, estou concordando com o Vereador Giannazi.

A Maria Emília fala da questão da higienização nas escolas e das diversas formas de dividir alunos ou classes. Eu acho que a gente deve tomar muito cuidado para não ter uma retomada das aulas por retomar as aulas. Então, quando fala uma semana vai um quarto, na semana que vem vai outro quarto, na outra semana vai outro quarto, que consequência pode ter isso do ponto de vista da educação? Vamos conseguir cumprir o semestre letivo? Se nós estamos falando em flexibilizar a escola de forma que não tenha nenhuma consequência do ponto de vista educacional, eu só vou ficar com a parte ruim que é a consequência do ponto de vista sanitário? Faço uma flexibilização que não muda educacionalmente nada? As crianças ou não vão passar de ano ou vão passar automaticamente?

Eu garanto para vocês: as crianças voltando à escola, nós teremos um aumento do número de casos. As crianças sofrerão quase nada, exceto se tiverem

Eu garanto para vocês: as crianças voltando à escola, nós teremos um aumento do número de casos. As crianças sofrerão quase nada, exceto se tiverem algumas do grupo de risco, mas as crianças não sofrerão quase nada. Agora, os portadores de comorbidade e os idosos com os quais elas coabitam sofrerão, e uma parte do corpo docente não poderá participar dessas atividades, porque

também sofrerá. Então, tem de haver uma lógica educacional muito clara para retomar as atividades educacionais. Claro, os pais precisam trabalhar e a escola é fundamental. Está bom. Se a ideia é “os pais precisam trabalhar e a escola é fundamental”, para que ela tenha aonde ir, agora, se você for fazer isso por pedaços, então, 25% da população das escolas vai voltar alternativamente, é necessário pensar um pouco mais nessas questões. Precisamos pensar de forma maior esse conjunto de problemas.

A higienização eu acho que é importante. Como eu disse, o vírus é também um vírus de superfície e a superfície pode estar contaminada e, com isso, infectar as pessoas, mas é água e sabão. Água e sabão são suficientes. Água e sabão e, eventualmente, em piso e em superfícies não metálicas, hipoclorito de sódio. Nada de diferente, além disso. Agora, é óbvio: precisar ter mão de obra para fazer isso, como a Maria Amélia e o Glauco colocaram. A Leila fala do grupo de risco e quadros de apoio. Eu não sei exatamente o que significa quadro de apoio. É uma linguagem, aí, da Secretaria de Educação. Suponha que são os funcionários da limpeza, biblioteca, não sei. Eu não sabia que os CEUs estavam funcionando. Eu imaginava que não. Mas as crianças pequenas, estas, são as mais difíceis de você controlar e elas são, também, eficientes e eficazes transmissores de micro-organismos.

A Ana Paula fez uma série de colocações sobre essa questão do Estado e tal e o Rafael faz uma pergunta difícil: o que acontece se houver um caso confirmado na escola? Se houver um caso confirmado na escola é uma grande confusão, porque a escola passa a ser um foco. Se a escola é um foco reconhecido, com um caso confirmado, eu tenho certeza de que terão outros casos. A transmissibilidade desse vírus, o chamado RT, é de uma pessoa transmitir para duas. Nós tivemos casos, por exemplo, em um coral em Baltimore, Estados Unidos, em que uma pessoa transmitiu para 40 em um coral de 60 pessoas. Basta ter as condições: um local fechado com gente gritando, ou seja, aumentando a quantidade de material biológico saindo da boca. Por que estamos vendo frigoríficos entrando na preocupação da epidemia? Porque frigorífico é um lugar barulhento, frio, fechado e as pessoas para conversarem e darem ordens ficam muito próximas e têm de gritar. Quanto mais alto você fala, mais perdigotos você emite, mais você contamina o meio ambiente, o ar, e as pessoas respiram aquilo. Nós tivemos vários casos em frigoríficos aqui no Sul do País, em Santa Catarina. Um dos casos

na Alemanha, onde houve um retrocesso, também foi fruto de uma contaminação em frigorífico.

Então, se tivermos um caso confirmado em uma escola, isso implica em fechar a escola e testar todo mundo, em fechar a escola e isolar as pessoas que estiverem contaminadas e a escola deverá ficar fechada por 14 dias, até que se cumpra esse ciclo de quarentena e as pessoas infectadas passem pelo curso da doença completo.

É isso.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – A Assessoria me informou que o Secretário Bruno Caetano está presente.

O SR. GONZALO VECINA NETO – Ótimo, então estou dispensado.

A SRA. SANDRA TADEU – Ele adorou. Queria inscrever a Kézia, do Creci.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Um minutinho só. O Secretário está presente?

O SR. BRUNO CAETANO – Estou sim, Vereador Eliseu.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Ótimo. Então, acho que o Gonzalo Vecina se precisar ir embora.

O SR. GONZALO VECINA NETO – Eu preciso. Eu preciso ir embora.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – É uma pena. Foi um grande prazer.

O SR. GONZALO VECINA NETO – Eu estou às suas ordens. Foi um grande prazer servir à nossa Câmara de Vereadores.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Pela ordem, Presidente Eliseu Gabriel.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Pois não, Vereador.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Eu acho que é importante que... Primeiro, quero dizer boa tarde ao Secretário Bruno Caetano. É importante que ele saiba que o Dr. Gonzalo Vecina, ao responder às perguntas feitas pelos Vereadores e representantes das mais diversas..., Servidores da Educação, ele recomendou, do ponto de vista de tudo o que conhece, que não se retomem as aulas agora. E acho que é importante que, quem sabe, possa o Secretário Bruno Caetano responder a esta afirmação do Dr. Gonzalo Vecina antes que ele saia. Eu acho que é importante, por favor.

O SR. TONINHO VESPOLI – Pela ordem, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Vereador Toninho, rapidinho, para passarmos a palavra ao Secretário Bruno Caetano.

O SR. TONINHO VESPOLI – Eu só queria reforçar o que o Vereador Suplicy está falando. Além de o Dr. Gonzalo não recomendar a retomada das escolas, nós estamos tendo problema no rodízio de nossas unidades, Servidores sendo contaminados, e o protocolo é que eles procurem uma UBS, mas a UBS não tem o teste e a escola funciona normalmente..., aquelas pessoas que foram contaminadas... E a escola está funcionando normalmente. Só caso a pessoa tenha algum sintoma é que ela será afastada, ela não é testada. Então, imagina se as escolas voltarem sem teste, a calamidade que será esse negócio. Para mim, isso beira à irresponsabilidade.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Vereador, então vamos passar a palavra agora para o nosso Secretário Bruno Caetano. Quero agradecer muito a presença do Sr. Secretário. Muito obrigado por sua presença.

Queria passar a palavra ao Secretário para que faça uma introdução, para suas palavras iniciais, e depois retomaremos o debate.

Por favor, Secretário, com a palavra.

O SR. BRUNO CAETANO – Muito obrigado.

Quero cumprimentar, mais uma vez, o Presidente Eliseu e os demais Vereadores aqui presentes. Também um cumprimento especial ao Dr. Gonzalo Vecina, na pessoa de quem cumprimentamos todas as pessoas que estão nos acompanhando nesta sessão.

Aproveito para inverter um pouquinho a pauta que havia preparado, para aproveitar a presença do Dr. Gonzalo, na intervenção do Vereador Suplicy. De fato, ninguém está organizando as escolas para um retorno imediato. Então, isso já traz uma palavra de tranquilidade e de reponsabilidade da Gestão do Prefeito Bruno Covas para com a saúde de todos, das nossas equipes, dos nossos Servidores, da equipe de apoio, também dos nossos alunos, das famílias. Enfim, de toda a sociedade.

Nós, aqui, temos pautado o nosso trabalho em cima de três princípios, que não podemos, de forma alguma, sair de nenhum destes três. O primeiro deles é a Saúde Pública. Este é o princípio

fundamental no momento. Todas as nossas ações aqui, sem exceção, foram tomadas tendo o aval de nossa Secretaria da Saúde, das autoridades públicas de Saúde, tanto da Prefeitura quanto do Estado de São Paulo. Muitas dessas autoridades, inclusive, reputam a condição da cidade de São Paulo, em especial, de não ter faltado um único leito para quem precisou de atendimento especializado ao fechamento precoce das escolas.

Aqui não se trata de comemorar nada porque a batalha segue em curso, mas de fato na cidade de São Paulo quando observamos o que aconteceu em São Paulo, está acontecendo na Cidade, o que tem acontecido no país, observamos que as condições objetivas de atendimento da população aqui foram substancialmente superiores, melhores.

E como disse, muitos desses especialistas reputam que esse relativo sucesso comparado em relação a outros municípios, porque não se trata de comemorar nada, uma única vida perdida deve ser muito lamentada e aqui lamentamos todas essas vidas perdidas, mas o fato objetivo é que não faltou, pelo menos por hora, atendimento à população.

Então, primeira coisa, as escolas foram fechadas por orientação da Saúde e serão reabertas no momento e na forma que a Saúde Pública entender ser seguro. Essa não é uma decisão do Secretário de Educação. Essa é uma decisão das autoridades que têm a responsabilidade pública de fazer a gestão da pandemia, não é o Secretário da Educação. A nossa obrigação enquanto Secretaria é nos prepararmos de forma antecipada, planejada para que quando esse aval for obtido possamos retornar da forma mais tranquila e adequada para todos, sem exceção.

Então, primeiro ponto importante de deixar claro, é a questão do imperativo da Saúde. Segundo ponto relevante nessa discussão é a questão da legalidade. Muitas das coisas que gostaríamos de fazer durante a pandemia, precisamos ter, inclusive, autorização da Câmara Municipal para fazer, porque muitos dos procedimentos adotados só puderam ser adotados depois da mudança da nossa legislação.

É o caso, por exemplo, do cartão alimentação, do pagamento dos funcionários das empresas/organizações sociais que prestam serviço na Educação. São mais de 60 mil trabalhadores que prestam serviço na Educação e por iniciativa do Prefeito Covas e aprovação dos Vereadores

pudemos fazer o pagamento dos salários dessas pessoas. Mas quero dizer que há outro princípio que é o princípio da legalidade.

Há um terceiro ponto que norteia a nossa ação e é também uma questão objetiva, as limitações orçamentárias. A primeira conversa que tive a oportunidade de fazer nesta Comissão há pouco mais de 20 ou 30 dias, trouxe uma situação específica do orçamento da Educação Municipal em tempos de pandemia. Sabemos que a Educação assim como a Saúde têm os seus recursos vinculados às receitas resultantes de impostos. Em momentos de crescimento econômico trazem tranquilidade e folga orçamentária para essas duas pastas, mas num momento de retração e, sobretudo, de retração abrupta como a que vivemos hoje, traz sérios desafios de gestão e orçamento.

Em números atualizados, hoje a despesa estimada da Secretaria Municipal de Educação, para o ano de 2020, é 1 bilhão e 64 milhões de reais acima da vinculação constitucional, o que significa que para este ano, para que tenhamos condição de superar os desafios da pandemia, as novas despesas que foram assumidas pela Secretaria de Educação e as novas despesas que terão de ser assumidas pela Secretaria, vamos ter de nos socorrer do orçamento geral da cidade de São Paulo. E não do orçamento específico da Educação, que é o orçamento da nossa vinculação da receita resultante de impostos.

Nossa conversa com o Secretário de Fazenda tem sido adequada e no nosso planejamento, apesar da absoluta recessão e depressão do nosso orçamento e da receita resultante de impostos para o ano de 2020, vamos conseguir fechar o ano honrando nossas despesas previstas originalmente no nosso orçamento, salário, as intervenções e os repasses. E também honrando as nossas novas despesas, aquelas despesas não previstas originalmente que nasceram junto com a pandemia.

Antes de entrar propriamente nos protocolos ou nas minutas de protocolo, quero fazer um rapidíssimo balanço das ações, pelo menos das principais. O que é mais correto em todos é falar menos e ouvir mais, deixar o tempo para que possamos ter um bom debate, mas quero fazer um rapidíssimo balanço da Secretaria durante a pandemia, principalmente no que diz respeito à segurança alimentar das crianças e nos conteúdos e aprendizagem.

O SR. GONZALO VECINA NETO – Vereador Eliseu Gabriel, preciso sair. Ouvi o Secretário

Bruno, parabeno a Gestão Covas pela retidão, pela compreensão com que está levando essa questão tão difícil para todos nós.

Disse minha opinião aqui, Sr. Secretário, e como profissional de Saúde não recomendaria a volta às aulas. Fizemos essa discussão aqui e acho que essa é uma decisão de fato que precisa não de uma pessoa, é uma decisão que precisa ser tomada coletivamente.

Quero parabenizar o senhor e o Prefeito na gestão e parabenizar os Srs. Vereadores pelo brilhante trabalho que estão fazendo na Câmara. Tenho outra reunião e infelizmente tenho que me retirar.

Quero agradecer-los e me colocar à disposição. Muito obrigado. Boa tarde a todos.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - Nós que agradecemos, Dr. Gonzalo Vecina. Foi um grande prazer, muita simpatia, inclusive, com que o senhor tratou todas as pessoas aqui. Muito obrigado.

O SR. GONZALO VECINA NETO – Muito obrigado. Boa tarde.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Boa tarde. Caro Secretário Bruno Caetano, por favor, pode continuar.

O SR. BRUNO CAETANO – Para concluir o raciocínio anterior e finalizar rapidamente esta fala inicial.

Então vou destacar duas ações sem prejuízo de conversarmos sobre outras ações durante a pandemia, mas quero destacar um programa de segurança alimentar das nossas crianças com a distribuição dos cartões alimentação.

Num primeiro momento, dialogando com as questões iniciais, o que já antecipei aqui, sobretudo, as questões de restrição orçamentária, a Prefeitura de São Paulo priorizou os alunos extremamente pobres, aqueles que estão na zona de pobreza pelo CadÚnico, um pouco mais de 200 mil crianças inicialmente beneficiadas.

Depois fizemos um novo esforço com recursos do Tesouro Municipal e ampliamos para mais 50 mil crianças, atingimos 250 mil crianças. Depois uma nova conversa com a Secretaria da Fazenda e com o Prefeito Bruno Covas, uma terceira ampliação e os cartões passaram a chegar para mais de 400

mil crianças. E há pouco mais de duas semanas num esforço muito relevante da cidade de São Paulo, conseguimos chegar à marca de 640 mil crianças beneficiadas com o cartão alimentação.

Lamento muito, já fiz isso publicamente por diversas vezes, a absoluta miopia do Ministério da Educação do Governo Federal ao reter recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar. Recursos que são de São Paulo, são recursos de contribuições de empresas instaladas na cidade de São Paulo e por uma questão absolutamente burocrática esses recursos vão a Brasília e quando retornam para São Paulo, retornam com o carimbo do PNAE. E lamentavelmente durante este período de pandemia não houve qualquer sensibilidade por parte dos órgãos federais, especialmente da FNDE, para que esses recursos pudessem ser utilizados durante a pandemia. Não houve qualquer tipo de auxílio do Governo Federal, sequer uma mudança das normas. Bastaria uma portaria do Ministro da Educação, bastaria a alteração de uma resolução pelo Ministério da Educação para flexibilizar o uso dos recursos do PNAE.

Hoje a cidade de São Paulo tem mais de R\$ 50 milhões parados na conta, vinculados aos recursos do PNAE, recursos que seriam mais do que suficientes para universalizar o acesso ao cartão alimentação e beneficiar 100% das nossas crianças. Mas, infelizmente, até o momento, a alimentação escolar segue sendo arcada exclusivamente com os recursos do Tesouro Municipal; recursos esses combatidos, como acabei de mencionar, mas que, com uma boa gestão fazendária, a gente tem conseguido ampliar o público beneficiário.

Então, peço a esta Comissão que, se entender adequada a fala deste Secretário, faça coro e envie uma manifestação, como eu já fiz, de forma objetiva, e inclusive o Prefeito Covas também já o fez, ao Ministério da Educação, solicitando a liberação desses recursos.

Tive a oportunidade de discutir, por duas vezes, com o ex-Ministro Weintraub em programa de televisão e em rádio, e o próprio Ministro reconheceu que as regras deveriam mudar, porque em tempos de pandemia não é possível comprar os alimentados como se comprava antigamente. Mais ainda, é impossível fazer a partição desses alimentos que são adquiridos em grandes fardos. Então, as ações mais adequadas são aquelas de transferência de renda vinculadas a programa de alimentação. O próprio Ministro reconheceu isso numa dessas entrevistas e se comprometeu a fazer a alteração da

legislação; inclusive, se precisasse alterar uma legislação, ele disse que havia uma minuta de medida provisória pronta para o Presidente assinar, mas creio que ele não tenha tido tempo de finalizar essa ação.

Outro grande assunto diz respeito a aprendizagem. E aqui a gente utilizou os primeiros 15 dias da pandemia com a antecipação do recesso para que pudéssemos rapidamente planejar as nossas ações de ensino remoto, ensino à distância. Fizemos uma pesquisa muito rápida utilizando a nossa base de dados, e essa pesquisa revelou que uma parte significativa das nossas crianças, aproximadamente 40%, não possui acesso regular à internet.

Essa situação da cidade de São Paulo nos levou a tomar uma decisão de levarmos um ensino híbrido durante a pandemia: um ensino que pudesse, de forma não *on-line*, garantir conteúdos e materiais pedagógicos a 100% das nossas crianças; e, para isso, utilizamos a nossa área pedagógica para desenvolver, produzir, imprimir e distribuir 1,18 milhão de livros, chamados *Trilhas de aprendizagem*, aos nossos alunos, a todos eles, pelos Correios.

Junto a essa estratégia da entrega dos materiais para garantir o ensino daqueles que, mesmo sem internet, poderiam receber esse tipo de conteúdo; nós nos associamos ao Plano Estadual do Centro de Mídias, cedemos alguns dos nossos professores e educadores para participarem dessas ações, desenvolvemos também conteúdos para a TV Cultura e, finalmente, recebemos a doação de uma plataforma digital de uma grande empresa de tecnologia para que aquelas crianças que, de fato, têm acesso à internet, pudessem complementar os seus estudos através dessa ferramenta.

Os nossos indicadores apontam que, seja pelos livros, seja pelo ensino à distância, a gente tem um contingente muito expressivo de crianças ativas durante a pandemia, do ponto de vista educacional pedagógico. É evidente que os resultados pedagógicos só serão mensurados, de forma objetiva, no retorno às aulas, quando isso for possível; mas a gente fica muito contente com o esforço das famílias, com o esforço das nossas crianças, com o esforço da nossa rede, com o esforço dos nossos educadores que se reinventaram.

Nós, da Educação, damos apenas as ferramentas. Mas o grande mérito dessa ação, sem dúvida, é da grande rede municipal de ensino, que nesse momento mostrou-se de muito valor. Fica

registrado o meu agradecimento a esses profissionais, que têm conseguido se reinventar, e também às famílias que têm compreendido o momento de dificuldade e nem por isso têm deixado de orientar suas crianças.

Há uma série de ganhos não previstos com essa pandemia. Um deles é a valorização da atividade do professor. A sociedade, de repente, redescobre esse ofício, que carece de valorização, que carece de formação. E esse é um dado positivo da pandemia.

Outro dado positivo dessa pandemia também é a maior proximidade das famílias com o ensino das nossas crianças. Eu tenho a impressão de que esses são ganhos permanentes. Talvez um terceiro ganho que a gente tenha com a pandemia é o desenvolvimento de novas habilidades, seja por parte dos professores, seja por parte dos estudantes, com o ensino à distância.

Para iniciar diretamente a nossa conversa do possível retorno, eu queria expor algumas questões importantes e básicas que eu tive a oportunidade de falar na quinta-feira passada ao Conselho Municipal de Educação, e na sexta-feira, em reunião com os principais sindicatos dos servidores públicos municipais da educação.

A primeira questão e a mais importante é que tudo o que a Secretaria produziu, até agora, foi em caráter de minuta. Não há nenhuma decisão tomada, sequer uma data de retorno. O que há, de fato, são datas estimadas. Mesmo essas datas são condicionadas a diversos indicadores de saúde, o que dialoga com a minha fala inicial de que, sempre, sem exceção, a saúde ditará as normas de reabertura.

Outra questão importante, como premissa: o diálogo. Tão logo iniciado o plano de São Paulo, porque no nosso Estado essa tem sido a sistemática. O Governo do Estado como autoridade maior do nosso Estado estabelece as regras gerais dos setores. Isso valeu para todos os setores e tem valido também para a educação.

Então, tão logo o Governo do Estado publicou as regras gerais, a Secretaria iniciou um amplo diálogo com todos os servidores, na semana passada, com as reuniões já mencionadas. E, a partir dessa semana, vamos fazer conversas nas 13 diretorias regionais, uma por uma, com um público bastante representativo, para que a gente possa construir um amplo diálogo e que as minutas

preparadas pela Secretaria de Educação possam ser validadas, dialogadas, criticadas, aprimoradas, por toda a rede, num amplo debate democrático.

Outra questão importante é que essas minutas comparam com a participação dos especialistas de saúde pública da Unifesp. Num momento em que a gente tem um trabalho absolutamente difícil, que as autoridades públicas de saúde no Município estão assoberbadas, estão liderando na cidade de São Paulo o combate à Covid-19, nós nos valem da expertise da Unifesp, dos seus epidemiologistas, para elaborarmos essas minutas de retorno.

Volto a dizer, são minutas, que são serão validadas em diálogo com toda a rede. E, finalmente, validadas também com a saúde municipal e com a saúde estadual. Em linhas gerais, temos três níveis de protocolos nessa minuta. Eu chamo o primeiro nível de protocolo de *protocolos gerais de saúde*, e eles coincidem com o *Plano São Paulo* anunciado pelo Governo do Estado. Então, basicamente, esse primeiro nível do protocolo, ou Protocolo 1, que é o protocolo geral de saúde, indica as condições mínimas de saúde para que tenhamos um retorno, estima essa data e estabelece travas gerais para esse retorno. Esses dados já são conhecidos de todos porque as condições básicas de saúde são aquelas estabelecidas no *Plano São Paulo*, quais sejam: todas as regiões do Estado de São Paulo, na fase amarela, há pelo menos 28 dias; havendo esse gatilho, a Secretaria de Educação do Município teria o aval da Saúde Estadual para, no dia 8 de setembro, iniciar o retorno. Esse é o protocolo geral de saúde. Mas também com restrições, principalmente no que diz respeito ao número de alunos autorizados para retornar. Então esse protocolo geral estabelece como trava o percentual de 35%.

O segundo nível de protocolo diz respeito ao território das escolas, ao ambiente físico das escolas. E esse é um protocolo, como os senhores podem imaginar, bastante detalhado. Mas aqui eu antecipo alguns pontos desse protocolo. Por exemplo, procedimento de medição de temperatura dos nossos estudantes, todos eles, no portão da escola. E tudo isso vai levar a Secretaria da Educação a fazer os respectivos investimentos necessários. Então eu vou ilustrar o protocolo, frisando a questão do termômetro, para que vocês entendam que todos os outros itens também serão providenciados pela Secretaria. Então, por exemplo, para garantir que tenhamos termômetros em número adequado, a

Secretaria deve adquirir, mediante pregão, pelo menos quatro termômetros para cada unidade escolar. E, além disso, a Secretaria vai fazer um repasse de 15 mil a 21 mil reais por unidade escolar para que a própria escola – dos diretores, gestores, conselhos de escolas – possa também adquirir os equipamentos adicionais que se fizerem necessários à especificidade de cada território, de cada situação, de cada unidade escolar.

O SR. TONINHO VESPOLI – E quem vai operar essas reformas?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Pode esperar terminar, Vereador? Já, já, nós falamos. Vamos continuar, Secretário.

O SR. BRUNO CAETANO – Esse segundo nível de protocolo é o protocolo que eu estou apelidando de *Chão da escola*: termômetros para medição da temperatura das crianças; distanciamento, nas escolas de ensino fundamental e médio, de pelo menos um metro e meio entre as crianças, o que vamos nos obrigar a dividir as salas no retorno; distribuição de kits individuais para as nossas crianças. Vamos distribuir mais de um milhão de *kits* para que cada criança e cada servidor recebam também, além das máscaras, sabonetes e materiais de uso pessoal, como copo, para que não haja compartilhamento de objetos nas escolas; reorganização dos espaços internos da escola nas áreas de alimentação, de refeitório, da sala de aula, das quadras, para que também garantamos esse distanciamento das nossas crianças nesse retorno.

Outra questão relevante nesses protocolos: nós já sabemos que não poderemos contar com os servidores com mais de 60 anos nesse retorno. Já há uma sinalização da Saúde para que esse retorno não aconteça com toda a nossa capacidade de trabalho. Então haverá necessidade, sim, de chamarmos novos profissionais, seja com chamados dos concursos que estão em curso. E tão logo a pandemia seja finalizada, ou tenhamos a autorização para de fato retomarmos as aulas, para que façamos essas chamadas de servidores; e seja também para a contratação de professores temporários, professores eventuais, para substituímos aqueles que permanecerão em teletrabalho na primeira etapa. Então há uma preocupação, como eu já posso antecipar pela fala do Vereador Toninho Vespoli, com a reposição das nossas equipes para que as escolas possam ser equipadas, seja com os bens materiais, seja também, e, principalmente, com as equipes necessárias tanto para o retorno às aulas,

do ponto de vista pedagógico, como também para garantir os protocolos adicionais dentro das escolas.

Revisão absoluta também dos protocolos de limpeza das unidades escolares. E isso nos tem obrigado a fazer a revisão dos nossos contratos. Esses contratos já vinham sendo objeto de crítica por parte de alguns diretores de escola, que entendiam que o modelo adotado pela Prefeitura, que é baseado numa legislação municipal que nos obriga a seguir o CadTerc, cujo modelo é insuficiente para o atendimento das nossas crianças nesses momento de pandemia, de modo que esses contratos passam, nesse momento, por uma ampla revisão para que, para esses protocolos de limpeza iniciais rascunhados, minutados pela Unifesp, possamos ter a estrutura contratual necessária para cumpri-los à risca. Então esses contratos de limpeza também passam, nesse momento, por revisão. Então, no caso das EMEFs, os contratos são os contratos que já foram assinados – esses passam por revisão. No caso dos CEIs, e também das EMEIs, nós temos uma licitação em curto. E esse edital revisto para que esses contratos possam suportar as novas necessidades de limpeza e as novas rotinas necessárias para a limpeza.

Queria, antes de finalizar, entrar na última parte do protocolo, esse com maior participação da Secretaria Municipal de Educação – quanto aos demais, temos que nos subordinar à Saúde.

O terceiro protocolo, apesar de sofrermos certas conformações da Saúde – não podemos desenhá-lo em cima de uma tábula branca, de uma folha branca, porque a Saúde nos impõem essas restrições que eu já pude mencionar –, é um protocolo pedagógico. Diz respeito às organizações da Secretaria Municipal, das Diretorias Regionais e das equipes, para que possamos garantir e cumprir os objetivos estratégicos de aprendizagem estabelecidos no currículo da cidade.

Então esse terceiro nível de protocolo nos indica claramente que o momento do retorno, quando isso for autorizado pela Secretaria Municipal de Saúde, vai ter que ser precedido de um trabalho grande de formação com os nossos servidores e também de um grande trabalho de acolhimento. Então, nos primeiros momentos, a palavra de ordem da Secretaria de Habitação é formação é formação e acolhimento. Esse vai ser o grande trabalho nas primeiras semanas, e mesmo antes de retomarmos presencialmente, inclusive, com informações a distância e com os trabalhos do NAAP a distância.

Finalizado esse processo inicial de formação e de acolhimento – isso também vale para as

crianças, quando elas também retornarem –, no caso as crianças, iniciaremos um trabalho de avaliação e diagnóstico, sobretudo com os alunos do ensino fundamental em diante, para que a gente possa, de forma muito clara e objetiva, mensurar as principais aprendizagens compreendidas pelas crianças durante a pandemia e aquilo que não foi possível com que essas crianças aprendessem à distância. Aplicaremos ao final da terceira ou quarta semana, um pouquinho mais ou um pouquinho menos, conforme a gente vá tendo autorização das equipes de saúde, também, uma avaliação diagnóstica.

A partir dessa avaliação diagnóstica a gente vai poder junto a rede, assim como a Secretaria de Educação fez, com os Secretários que me antecederam, principalmente, o Secretário Alexandre Schneider, discutir com toda a rede, como foi feito com o currículo da Cidade, debater, também, com toda a rede os resultados dessa prova e estabelecermos juntos os objetivos principais de aprendizagem, que a gente deve garantir as nossas crianças e espalharos esses objetivos nos anos de 2020 e 2021.

Essa é a proposta inicial, original, da Secretaria de Educação, da nossa coordenadoria pedagógica. Não adianta a gente tratar o ano de 2020, do ponto de vista pedagógico, de forma burocrática, fecharmos o ano no papel, cumprirmos burocraticamente as 800 horas que temos por obrigação cumprir e apropriarmos, de maneira burocrática, sem nenhum tipo de avaliação da efetividade do ensino à distância, meramente para fecharmos o ano.

Nós temos a responsabilidade de garantir as nossas crianças a aprendizagem. É esta a orientação do Prefeito Bruno Covas: de não tratarmos a aprendizagem de forma burocrática para, simplesmente, fecharmos o ano e iniciarmos 2021, quem sabe com a página virada. Não é assim que devemos tratar, pelo menos é o entendimento desta Secretaria. Vamos tratar o ano letivo de 2020 e, por consequência, também, o de 2021, com muita responsabilidade, para não deixar nenhuma criança para trás, para não deixarmos nenhum aprendizado para trás.

Isso só pode ser alcançado junto com toda a rede, numa grande discussão, assim como foi feito lá atrás no currículo. O que nós vamos fazer em 2020 e 2021 é uma atualização desse currículo para uma situação especial de pandemia, para priorizarmos dentro do currículo aqueles conteúdos que são absolutamente essenciais.

Então, já adianto a vocês que a opinião da Secretaria de Educação, neste momento, é de que em 2020 não haja, por exemplo, retenção, uma vez que esses conteúdos no nosso entendimento – e é o entendimento da área pedagógica – devem ser divididos em 2020 e 2021, e, ao final de 2021, sim, a gente pode retomar o caminho normal das trilhas de aprendizagem de cada um dos nossos anos previstas no nosso currículo.

Eu sei que eu falei demais. Queria ter falado menos do que eu falei, mas são coisas muito importantes, mas volto a dizer antes de escutar todos: tudo o que eu disse aqui ainda é em caráter de minuta, onde a gente inicia um diálogo que não tem data para terminar, mas que a gente tem como certeza que precisamos garantir duas questões que não são antagônicas se trabalharmos todos juntos – a saúde de todos e o direito de aprendizagem das nossas crianças.

Muito obrigado pela atenção de vocês.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Obrigado, Secretário. Falou amplamente sobre todas as questões que estão colocadas. Teoricamente, eu queria perguntar para o Rafael: se a gente consegue, porque às 15h a gente vai ter que parar porque começa a sessão. Nós temos aqui parece que mais de centenas e centenas de perguntas que vieram. Estão inscritas quase uma centena de pessoas. Não tem como, então, vamos fazer assim: as pessoas podem mandar as questões para o *site* da Câmara.

- Falas simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Esperem só um pouquinho. Deixem eu terminar de falar.

As pessoas vão mandar para o *site* da Câmara: www.saopaulo.sp.leg.br, onde há um formulário em que as pessoas podem colocar as suas questões. Nós vamos avaliar essas questões e encaminhar, tanto para o Secretário Bruno Caetano como para o Dr. Gonzalo Vecina que esteve aqui.

Agora, nós teríamos mais cinco minutos apenas porque a sessão da Câmara vai começar. Nós começamos às 13h, e todo mundo que pode falar, falou. Algumas dezenas de pessoas falaram.

Quem pediu “pela ordem”, por favor, pode falar.

(NÃO IDENTIFICADO) – Eu queria falar que, além da fala da Kézia fosse garantida,

pudesse, também, pelo menos, uma vez que nós não podemos conversar e dialogar com o Secretário, que uma entidade pudesse falar por todas, pelo menos, as entidades sindicais e pode ser a Margarida, o Sinesp, o próprio Sindsep ou a Claudete, para poder estabelecer esse diálogo com o Secretário neste momento, por gentileza.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Okay. Eu acho que é uma boa ideia.

Kézia, é isso mesmo que você está propondo?

A SRA. KÉZIA ALVES – Isso. Eu quero a garantia da fala. Acho que sou a única representante da família.

- Tumulto. Falas simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Por favor, pessoal.

(NÃO IDENTIFICADA) – Presidente, pela ordem, as entidades precisam falar.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – São só cinco minutos. Não tem jeito.

A SRA. CLAUDETE ALVES – É importante ouvir a Kézia, representando as famílias primeiro, a sugestão é que ouçamos a Kézia.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Okay. É uma boa sugestão. Então, fala a Kézia.

- Falas simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Kézia, um minuto, por favor.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Presidente, eu queria registrar a minha presença. Vereadora Juliana Cardoso, participei do debate.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Por favor, Kézia, um minuto. Depois, a Margarida...

- Falas simultâneas.

O SR. JAIR TATTO – Presidente...

A SRA. KÉZIA ALVES – Boa tarde a todos...

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Espera só um pouquinho. Vamos ouvir o Jair.

O SR. JAIR TATTO – O Fórum do Mova, Presidente, que está presente. A Iraci do Fórum do Mova.

A SRA. MARIA APARECIDA – Uma questão de ordem. Aqui é Maria Aparecida.

Eu acho que todo mundo vai ficar muito ruim se as pessoas não precisam expressar o que precisam expressar, todas as organizações. Uma organização não pode falar por todas, porque algumas são de segmentos um pouco diferenciados, mas eu acho que a gente precisa retomar, numa específica, para conversar com o Secretário. Eu acho que contemplaria todo mundo.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – A gente pode fazer outra audiência pública com o Secretário, se ele topa. V.Exa. topa Secretário? O Secretário poderia estar aqui, na próxima terça, novamente? (Pausa) A gente agenda uma próxima reunião com o Secretário.

(NÃO IDENTIFICADA) – Eu acho importante garantir esse grupo...

- Falas simultâneas.

(NÃO IDENTIFICADA) – Sim, mas eu gostaria de ter a minha fala garantida, por favor.

- Falas simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Que cortem alguns microfones. Vão falar a Kézia e a Margarida. Pronto. Fala Kézia, por favor.

A SRA. KÉZIA ALVES – Primeiramente, boa tarde a todos. Boa tarde, Secretário. Primeiro, Secretário eu gostaria de ter do senhor para nós a garantia – o senhor falou tanto do diálogo – eu gostaria de ter a garantia de que a gente vai participar, o segmento da família – eu represento o segmento da família em São Paulo, familiares dos alunos – porque a gente não tem conseguido participar de diálogo nenhum em relação ao retorno das aulas e ao ensino EAD. A gente está muito fora desse diálogo, e eu gostaria que o senhor nos chamasse para o diálogo. O senhor sabe que existe o Creci central, os Creci regionais. A gente está aberto ao diálogo e muito preocupado com isso.

Eu quero falar, também, em nome dos pais de alunos, em nome da família, que nós gostaríamos de saber do senhor, se está pensando em um termo de garantia para que os pais que não queiram que seu filho retorne às aulas não sofram sanção – porque a lei permite que o pai não mande o filho para a escola - e que ele tenha garantia de vaga no próximo ano, se tomarmos essa decisão.

Eu sei que todo mundo está preocupado com os alunos, com a saúde, com o conteúdo. Mas, eu acho que ninguém está mais preocupado do que os pais. A escola pode ficar sem o aluno, mas

vai ser muito difícil o pai ficar sem o seu filho, no caso de um óbito por essa criança retornar e ser contaminada. A gente sabe que isso pode acontecer, porque cada organismo reage de um jeito.

Então, eu gostaria que fosse garantido esse diálogo conosco e que o senhor respondesse como está vendo essa questão desse retorno, em relação aos pais que optarem por não retornar. O senhor também falou que o retorno se dará com 35% dos alunos. E, também, a gente gostaria de discutir o que está sendo previsto para os outros 65.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Ok.

A SRA. KÉZIA ALVES – Eu gostaria de falar também...

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Kézia, por favor, seu tempo já passou.

A SRA. KÉZIA ALVES – Só um minuto, por favor. Eu gostaria de falar a respeito do cartão- alimentação. Posso terminar? Eu gostaria também de falar do cartão- alimentação. O cartão- alimentação, como o senhor falou...

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Kézia, já acabou o tempo. Kézia, vamos dar a palavra para a Margarida, senão o Secretário... Acabou, já são 15 horas. Margarida, com a palavra, por favor.

A SRA. MARGARIDA PRADO – Secretário, desde sexta-feira passada, nós retomamos o diálogo. Essa foi a parte mais importante de tudo o que a gente tem para dizer, que nós precisamos conversar muito. O senhor vinha sistematicamente nos ignorando, desde março, então nós estávamos precisando realmente desse diálogo. Começamos na sexta-feira e o que nós temos para dizer é que todas as entidades aqui têm sugestões, têm muitas contribuições a dar e é isso o que nós queremos fazer, participar do diálogo.

Todos nós aqui entendemos que a escola vazia é muito triste, ninguém quer escola vazia. Mas, ninguém está querendo pôr em risco nenhuma criança, nenhum profissional de educação, nenhuma família. Nós queremos as garantias de que tudo poderá ser feito rigorosamente de acordo com a segurança de todos. E, para isso, nós temos de ter a garantia do diálogo, a garantia da construção coletiva, não só da Aprofem, mas do Sinpeem, do Sinesp, do Sindteps, do Sedin. Todos têm contribuições a dar, nós estamos em contato com todos os profissionais da educação e temos o que

dizer, e precisamos conversar.

Então, esse diálogo, que estava fechado, agora se abriu. Ótimo, é isso que nós precisamos.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Ok.

- Falha na transmissão.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tem a palavra o Secretário para o encerramento.

Vamos pedir outra reunião com ele, porque agora não dá mais tempo.

O SR. BRUNO CAETANO – Agradecer a você, aos Vereadores aqui presentes, a todos que tiveram a paciência, aqui, de nos ouvir. É claro que uma única fala aqui é absolutamente insuficiente, me comprometo a retornar a esta comissão quantas vezes forem necessárias, para que a gente faça, até conversas específicas, porque são temas muito amplos, não é?

Então, assim como me prontifiquei na conversa, na última sexta-feira, com o sindicato, de fazermos conversas específicas sobre temas, falar só sobre educação infantil, por exemplo, numa conversa específica; falar só sobre servidores ou protocolos gerais de saúde. Enfim, quantas vezes forem necessárias e eu for convidado, estarei presente para construirmos juntos esse retorno seguro, que a gente garanta a saúde de todos, para que a gente continue garantindo que na cidade de São Paulo não faltarão leitos para ninguém, mas que também a gente continue garantindo o direito das nossas crianças.

Eu tenho absoluta fé de que essas questões não são antagônicas. A saúde e a educação não estão em posição antagônica, elas podem estar no mesmo sentido, podem se reforçar mutuamente. Então, estarei aqui quantas vezes forem necessárias e, a partir já dessa semana, na sexta-feira, quando a gente começar a primeira conversa com a DRE São Miguel e depois vamos fazer com todas as outras 12 diretorias regionais, com os públicos representativos dessas diretorias. Além do próprio diretor regional, diretores de escolas, supervisores, coordenadores pedagógicos, professores, pai de mães de alunos.

Então, respeito muito, Kézia, a opinião também dos familiares, a gente sabe da importância da família nesse momento, sempre foram muito importantes, mas mais ainda nesse momento. Então,

também temos de trabalhar para garantir os direitos das nossas crianças e, também, garantir a autonomia dessas famílias nas suas escolhas, para que elas não sejam prejudicadas e as suas crianças não sejam prejudicadas com as escolhas dessas famílias.

Mas, é um momento de diálogo, é um momento de conversa, é um momento de construção coletiva, e a gente está aqui para isso. Então, obrigado pela oportunidade, Eliseu. Assim que vocês marcarem, a gente adequa a agenda e continuamos a conversa.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Muito obrigado, Secretário Bruno Caetano, pela sua vinda aqui na nossa reunião do comitê emergencial da crise na educação. Essa é, na verdade, uma audiência pública, que foi sugerida e marcada pela Comissão de Educação. Eu queria agradecer muito e a gente espera, talvez, uma semana ou duas, para remarcarmos um novo encontro.

Tem algum Vereador que quer falar?

O SR. TONINHO VESPOLI – Eu, Toninho Vespoli.

- Falas concomitantes.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Um minutinho só, um de cada vez. Fale, Vereador.

O SR. TONINHO VESPOLI – Presidente, eu acho necessário a gente marcar o quanto antes essa conversa, assim que o Secretário tiver condições, porque eu entendo a fala do Secretário. Ele já apontou várias questões, mas para mim – e tenho certeza de que é o sentimento de todo mundo que participou aqui – ficou muito vago. Fica muito vago falar assim: “vai levar o termômetro”, “vai chamar as pessoas necessárias”, mas a gente quer saber quantos ATEs vão ser chamados com um concurso necessário para que isso funcione. Porque, senão...

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Vereador...

O SR. TONINHO VESPOLI – Não, só para terminar, Eliseu, desculpa, porque eu não vou pactuar com um negócio desse aqui. Então, assim, eu acho que é o sentimento das pessoas aqui, a gente quer um esclarecimento mais preciso das coisas. Porque você falou de uma coisa tão genérica que, desculpa, estou saindo daqui do mesmo jeito que entrei. Acho muito ruim ficar desse jeito.

- Falas concomitantes.

O SR. TONINHO VESPOLI – Aposto que muitos vão ter essa mesma sensação. (Falha na transmissão.) Isso é muito vago. Ninguém dá condições para a gente ajudar o Governo, até para poder falar se é bom ou ruim. Muito obrigado.

- Falas concomitantes.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tem muitas pessoas falando ao mesmo tempo, está confusa a situação. Eu queria pedir para as pessoas que estão conversando desligarem o microfone. O nosso tempo acabou e eu não posso inventar tempo. Acabou o tempo, o que vou fazer? Então, nós vamos fazer o seguinte: vamos convidar...

- Falas concomitantes.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Peça, por favor, que as pessoas desliguem o microfone para eu poder falar.

O SR. JAIR TATTO – Eliseu, é o Jair, é só um encaminhamento. Amanhã podemos aprovar um requerimento? É isso.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Jair, por favor, um momentinho só. Secretário Bruno, daria para o senhor vir na próxima terça-feira ou quarta, num novo encontro?

O SR. BRUNO CAETANO – A princípio, sim, Vereador Eliseu. Eu marquei, de sexta-feira que vem, até o dia 26 ou 27, uma videoconferência com as três diretorias regionais, uma por dia. Só preciso adequar o horário dessa videoconferência, a gente faz duas num dia, eu faço na diretoria e venho falar com vocês também.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Está certo, vamos combinar assim. Vereador Tatto estava falando.

O SR. JAIR TATTO – A gente aprova amanhã o requerimento, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Está certo, amanhã a gente acerta essa questão.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA SILVA BICALHO – Eu só queria fazer uma pergunta para o Secretário. Eu sou da DRE de São Miguel e ele disse que sexta-feira agora vai ter uma conversa ampla com os diretores, correto, Secretário? Só que estou sabendo que só uma diretora de EMEI foi convidada. Nós não fomos convidadas, eu sou gestora também, não vou participar dessa conversa.

O SR. BRUNO CAETANO – Não, não, veja bem: assim como aqui a gente tem limitação de microfone e tela, então, pela tecnologia que a gente vai utilizar lá, o YouTube, até para que todo mundo possa assistir, um número infinito de pessoas possam assistir ao mesmo tempo, tem um número limitado de pessoas que estarão com direito a voz e imagem. Mas todas as pessoas que querem participar, poderão fazer pelo *chat*. Então, não dá para chamar todos os diretores de uma vez, todos os supervisores de uma vez, todo mundo, não dá. Mas todo mundo que quiser participar pelo *chat*, vai estar na internet em tempo real, e ficará também gravado.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA SILVA BICALHO - Mas nós ainda não fomos convidados até mesmo para conversarmos sobre as especificidades de cada escola. Quando vai chegar esse convite?

O SR. BRUNO CAETANO – Maria de Fátima, o convite para a reunião de sexta-feira deve subir no portal da SME, hoje ou amanhã, e essas conversas as diretoras regionais devem fazer, a partir desta conversa com o Secretário, deve fazer com vocês. Eu, pessoalmente, não consigo participar de todas, sou uma pessoa só, mas os diretores regionais têm autonomia e autoridade para isso.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA SILVA BICALHO - Muito obrigada, Secretário.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) - Nós vamos ter de encerrar agora, já estão me avisando que a sessão ordinária da Câmara está começando. Queria agradecer demais ao Secretário, ao Vecina.

- Manifestações simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Agradecer demais a sua visita na Comissão de Educação. Quem me pede, por favor?

A SRA. KÉZIA ALVES – Queria só perguntar para o Secretário, por favor. Ele falou da importância do diálogo com os pais. Gostaria de saber, Bruno, se seria possível uma conversa entre nós e o Creci central. É possível, Bruno, essa conversa? Eu consigo agendar? Posso entrar em contato com a sua assessoria?

O SR. BRUNO CAETANO – Sim, sim, sim.

- Manifestações simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Okay, ótimo. Por favor, agora vamos ter de

encerrar.

(NÃO IDENTIFICADA) - Parabéns pela excelente reunião, sensacional. Muito obrigada pela Câmara Municipal de São Paulo ter realizado essa ação, agradecida!

O SR. RAFAEL – Eu não vou poder fazer proposta para a próxima reunião?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Rafael, amanhã vemos em nossa Comissão, está bom? Muito obrigado então a todos. O tempo que nós temos é esse, infelizmente. A lista é enorme de pessoas que queriam falar, e muitos não falaram, aliás, são 200 pessoas, não deu para falar, mas, pelo menos, conseguimos abrir o caminho.

Então muito obrigado a todos, está encerrada a nossa reunião.

Um abraço a todos! Até a próxima terça-feira.

- Fim do registro no Youtube.

- Manifestações simultâneas prosseguem, mesmo com os trabalhos encerrados pelo

Presidente Eliseu Gabriel.

(NÃO IDENTIFICADA) – Boa tarde. Então, na próxima começa por quem não falou?

- Manifestações simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – A lista está aqui, muitos dos que se inscreveram não falaram. Na próxima reunião, vamos manter essa lista, está bom?

(NÃO IDENTIFICADA) – Vereador, deixa eu falar? Eu me inscrevi, fui inscrita, eu era a terceira pessoa a falar, fui chamada, mas não consegui.

A SRA. ADRIANA FERREIRA D'AVILA – Tive esse mesmo problema.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Eu te chamei e você não falou! Eu te chamei.

(NÃO IDENTIFICADA) – Eu não falei porque o senhor chamou outra pessoa antes e, depois disso, não consegui falar.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Eu chamei você. Bicalho, eu lembro.

R – Então, mas eu não consegui porque outra pessoa falou antes.

(NÃO IDENTIFICADA) – Por favor, me inscrevam para a próxima reunião.

- Manifestações simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – No *site* tem o formulário. Um abraço a todos.

(NÃO IDENTIFICADA) – Obrigada, Eliseu. Um abraço, obrigada!

(NÃO IDENTIFICADA) – Um esclarecimento, por favor! Será que essa audiência vai ficar no *site* da Câmara para quem não pode assistir, assistir? Fica a dúvida no ar.

(NÃO IDENTIFICADO) – A audiência fica disponível, sim, no *site* da Câmara e no Youtube.

(NÃO IDENTIFICADA) – Muito obrigada, gente. Agradecida, boa tarde.

- Manifestações simultâneas.

- Manifestações fora do contexto da audiência.

A SRA. ADRIANA FERREIRA D'ÁVILA – Eliseu, você me escuta? (Pausa) Nós vamos receber o *link* na terça-feira para garantir a fala das pessoas que não conseguiram falar?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Na terça-feira, vamos ter outra reunião do Comitê Emergencial, hoje foi a audiência pública. Vamos combinar amanhã, na Comissão de Educação, qual será o dia da nova audiência pública. Se o Secretário puder, faremos uma nova audiência pública na terça-feira que vem, se não, faremos a reunião ordinária do nosso comitê. Entendeu? Hoje, não deu, o que eu posso fazer? Havia mais de 300 pessoas inscritas para falar, não posso fazer nada, não dá. Se não tivéssemos esse mínimo, não chegaria a nada, entendeu, Adriana? Eu chamei algumas pessoas, não sei se chamei você.

A SRA. ADRIANA FERREIRA D'ÁVILA – Você chegou a me chamar, mas eu estava com problema na conexão e não conseguia te responder.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Adriana Ferreira D'Ávila.

A SRA. ADRIANA FERREIRA D'ÁVILA – Exato.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Então, só o primeiro me atendeu e depois o sétimo, oitavo...

A SRA. ADRIANA FERREIRA D'ÁVILA – Acho que foi problema de conexão. Eu ouvi você chamar e você não conseguia me ouvir.

(NÃO IDENTIFICADO) – Mas é para te parabenizar, Eliseu. Foi muito importante ter o Gonzalo Vecina com a gente, respondendo uma série de questões. Pena que os dois não estavam

juntos, seria fundamental que o Secretário e que o Gonzalo Vecina estivessem aqui, juntos.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Mas mesmo sem ficar muito tempo juntos, mas o Bruno acabou aceitando o que o Vecina falou, porque ele não ouviu o Vecina falar.

(NÃO IDENTIFICADO) – Sim, sim, foi muito importante esse momento.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – (Ruídos na conexão) – Ele é uma grande autoridade e eu acho que foi muito importante, para sensibilizar o Bruno também, entre nós. Eu acho que foi isso.

- Manifestações simultâneas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Eu acho que o pedaço que ele pegou, porque o Bruno entrou às duas, e o Vecina continuou falando até duas e quinze, mais ou menos. Depois, eles até trocaram uma coisa, e o Bruno logo falou: não, quem manda é a Saúde. Na minha opinião, eu acho que essa foi uma coisa importante. Acho que essa sensibilização do Bruno, foi bem legal. O Vecina realmente é incrível, eu gosto muito dele.

A SRA. ADRIANA FERREIRA D'ÁVILA – Ele foi muito assertivo, né?

A SRA. DANIELA - Vereador, boa tarde.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Oi, Daniela.

A SRA. DANIELA - Gostaria de parabenizá-lo pela reunião, foi muito produtiva e eu quero participar da próxima, com certeza, foi muito boa.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Sem dúvida, venha sim. A gente disponibilizará o *link*.

A SRA. ADRIANA FERREIRA D'ÁVILA – A gente recebe pelo mesmo e-mail, não precisa fazer a inscrição prévia? (Pausa)

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Isso, isso. (Pausa) Quem é?

O SR. JOÍLSON SILVA – Vereador, estou há um tempão tentando, não consegui falar, mas acho que poderia pegar a lista de quem se inscreveu, e seguir. Eu era o número 31.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Você é Joílson Silva, número 31. É isso?

O SR. JOÍLSON SILVA – Seria para garantir a palavra para as pessoas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Vamos ver se, na próxima reunião, mantemos essa lista, entre outros e vou chamando.

- Falas simultâneas.

O SR. JOÍLSON SILVA – Acho que a proposta do médico e o Secretário, acho importante estarem os dois juntos.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – É difícil, mas...

O SR. JOÍLSON SILVA – Obrigado, boa tarde.

- Falha na conexão.

A SRA. MÁRCIA – Eliseu, desculpe, Márcia... Você conseguiu me inscrever?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Você conseguiu me inscreveu, Márcia? Eu vi que você levantou a mão.

A SRA. MÁRCIA – Eu levantei a mão, eu era terceira ou quarta, mas acho que não consegui me ouvir, mas não tem problema, eu fui contemplada com algumas falas.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Você foi a quarta que levantou a mão, está aqui.

A SRA. MÁRCIA – É, acho que você não conseguiu me chamar, mas não tem problema.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Uma pena, mas eu acho que foi bem produtivo, na minha opinião.

A SRA. MÁRCIA – Foi muito, muito, muito.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Principalmente porque o Vecina deu uma consistência muito grande ao risco de se voltar às aulas. Segundo que eles se encontraram, um tempo, e eu acho que o Bruno ouviu bem o que o Vecina disse. Não fomos nós falando, mas o Vecina, que é um especialista. (Pausa) Quem é que está falando?

A SRA. MIRIAM – Sou eu, Vereador.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – É a Miriam Marcolino.

R – Oi, Vereador. Tudo bem?

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Tudo.

R – Parabéns pela reunião que o senhor nos proporcionou, com contato com o Secretário.

Gostaria de dizer que estou aqui representando o Fórum Municipal de Educação Infantil da cidade de São Paulo. Só para registrar presença, obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Ótimo, muito bom.

Então, pessoal, ficamos assim? Eu vou ter de sair agora, tenho de entrar na nossa sessão da Câmara. Foi um enorme prazer estar aqui.

O SR. MACIEL – Só para finalizar, se puder na resenha – que provavelmente irá para o site da Câmara, explicando um pouco do que se trata - estabelecer que, de certa forma, de fato, foi a Comissão de Educação que chamou a reunião, mas teve também a intervenção do Comitê Emergencial, criado pela Casa, pela própria Câmara. Isso é legal.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Mas foi o Comitê Emergencial que acabou influenciando na Comissão. Isso é que é importante.

- Interferência na conexão.

O SR. MACIEL – Acho isso também importante.

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Fica assim, é assim que funciona.

O SR. MACIEL – Maravilha!

O SR. PRESIDENTE (Eliseu Gabriel) – Daniela, Adriana, Maciel, Elenice, um abraço a vocês, até a próxima reunião.

- Os participantes virtuais respondem “até a próxima”.